



No mar de rosas, um espinho para Rita: 'Em cada disco, sempre o problema de saber que músicas foram liberadas'

alegria, euforia, alforria, humor

Do casamento à carreira (com disco novo), tudo às mil maravilhas para Rita Lee



Rita com o marido, Roberto: Tipo romance de adolescente com final feliz

SÃO PAULO (O GLOBO) — Rita Lee tem motivos de sobra para viver dando pulinhos de alegria, como ela faz, para se exercitar nos ensaios e durante os shows. Há pelo menos três anos ela tem a quase unanimidade da preferência artística nacional. Sua vida de casada, com Roberto de Carvalho, parceiro também nos últimos cinco discos lançados, vai, segundo ela, "às mil maravilhas." Tipo romance de adolescente com final feliz que causa muita admiração em nossos amigos que estranham a gente passar juntos 24 horas por dia e continuar numa ótima, sem grilos nem separações".

Além disso, embora ainda sinta certa tristeza, Rita já superou os traumas causados pela morte de Elis Regina, amiga dos últimos tempos, e da tentativa de suicídio de Arnaldo, seu companheiro do histórico grupo Os Mutantes.

Entretanto, como nem tudo são flores, dois pequenos obstáculos vêm prejudicar esses momentos de felicidade. O primeiro, uma inimiga ferrenha que a acompanha também há muitos anos, e parece dar sinais de que vai abandonar: a censura. Mas, para Rita, "não existe essa tal de abertura que dizem existir por aí". Explica ela:

— Em cada disco, é sempre o mesmo problema: saber que músicas foram liberadas. Até música caipira que eu faço, os "home" se invocam e não liberam. Veja o caso de "Uai, uai", que o Ney Matogrosso gravou em seu último disco e teve proibida a execução pública. E um absurdo. Estão censurando até folclore. "Uai, uai" é uma música simples. Tem também o tema do programa "TV Mulher" que ficou quase três anos preso, porque a censura não gostou da frase "mulher é bicho esquisito, todo mês sangra". Só agora foi liberada. Acho que a censura, finalmente, virou mocinha e entendeu que isso é um fenômeno ginecológico comum a todas as mulheres.

do essa oportunidade para responder aos que criticam sem métodos.

— A crítica no Brasil não vai fazer você vender menos disco. O meu trabalho anterior, o disco "Saúde", vendeu menos porque eu adoecei e não pude percorrer as capitais divulgando-o nos shows. Alguém já teve mais crítica do que recebeu e recebe Caetano Veloso? E ele ainda continua sendo o melhor. Não vende disco mas todo mundo conhece, todo mundo mexe com ele. Para mim, crítica é algo assim meio sem consequência. Tenho uma autocrítica muito melhor do que todas as que já fizeram contra mim. O que escrevem de mim é fofinha perto das que me faço.

Ainda não é só isso. Diz Rita Lee:

— A crítica é um espelho do crítico que, paradoxalmente, só tem emprego por causa dos artistas e, mesmo assim não demonstram gratidão. Nem podem demonstrar porque são pagos para criticar. O mal é que esses caras são muito baixo astral e botam a transação toda num clima down" (para baixo).

Já que, segundo esclareceu a cantora e compositora, "os críticos pecam também porque não têm tempo de ouvir todos os discos que são lançados e escrevem sobre o que ouviram numa única audição", o ideal seria que os dois lados entrassem em entendimentos.

— Gostaria que eles me telefonassem para levar um papo sobre meu novo trabalho. Ficaramos naquela conversa tipo: "Sabe, filha, não gostei de tal música. Que tal se fosse feita assim, com um arranjo assim". Seria até legal. Aceito contribuições.

Críticos e censura à parte, Rita Lee suspira aliviada e fica contente para falar sobre seu novo disco, lançado há poucas semanas, em que aparece, pela primeira vez, ao lado de Roberto Carvalho — e seus nomes — na capa. Se não houver interrupção, ela é capaz de ficar falando, falando, falando sem parar. Explicando desde os curiosos instrumentos eletrônicos — uma de suas verdadeiras paixões, desde os tempos de Mutantes — até dos "parceiros e colaboradores" presentes no trabalho atual.

— A participação do João Gilberto na música "Brasil com S", que eu e o Roberto fizemos numa viagem de Atenas para Londres, foi algo assim surpreendente e sensacional. Meio com vergonha, liguei pra ele, para mostrar a mú-

sica e ele respondeu: "É linda. É uma revolução. Vai ser um sucesso. Quando é que vamos gravar?" Dei um pulo dessa altura. Fiquei gritando no telefone. Pura alegria. E ele comprou tudo direitinho, profissionalmente. No dia marcado para a gravação, lá estava ele, pontual, tímido e aquele seu terninho característico.

"Brasil com S" é uma "Bossa Nova exaltação", na definição da própria autora, que lembra muito as brincadeiras do "Samba do crioulo doido" de Stanislav Ponte Preta. Em um dos versos, cita a boa comédia que se produz no País, lembrando que "até Dom Pedro abusou do tempo e não se segurou".

Além de João Gilberto, estão no disco, como convidados — pessoas que apareceram no estúdio e decidiram dar uma força", segundo disse Rita — o percussionista Papeti, o tecladista e arranjador César Camargo Mariano, o baixista de metais Eduardo Souto Neto e o grupo Roupas Nova, presente em várias faixas.

— Eu diria que esse é um disco que, ao contrário dos meus outros trabalhos, eu consigo ouvir uma de suas músicas no rádio sem tirar da estação. Por tudo o que houve, é um misto de alegria, alforria, euforia e humor.

"Flaga", a faixa que abre o lado A, é uma passagem bem humorada que, para Rita, "é uma continuação da música 'Papai me empreste o carro', do outro disco. Aborda o tema da adolescência, quando os jovens casais aproveitavam as manhãs para "aprontar coisas no escurinho do cinema, chupando drops de aniz".

— Quem não fez isso, quando adolescente?, indaga Rita.

Censurada quando ia ser incluída no disco "Saúde", "Barriga da mamãe", a faixa seguinte fala de temas do cotidiano. Descreve uma situação um tanto esquizofrênica, em que Rita anda na rua "com medo de ladrão/mas se vejo os home eu levanto logo as mãos".

"Barata tonta" e "Só de você" (esta última, do lado B), as preferidas de Roberto, além de "Brasil com S", que retrata um momento em que Rita Lee estava "desesperada, feio barata tonta mesmo", quando Roberto viajou para a França e ela pôde "voltar a sentir o que é ter saudade", conforme ela mesma esclareceu.

No baixo astral, 'Barata tonta'

— "Barata tonta", por exemplo, foi feita num momento de muito baixo astral. O Roberto tinha feito uma harmonia e violão. Ai aconteceu de tudo. Ellis morreu, Arnaldo despençou do hospital. Ficou um clima horrível. Eu quase entrei em parafuso.

O lado A inclui ainda canção "Frou-frou", um "frevo-francesado", que reflete um clima de vaudeville e o "rock-opportunista", "Vote em mim", em que Rita Lee se sente melhor. É uma música hit da década passada, "I'm going back to Indiana", do grupo Jackson Five.

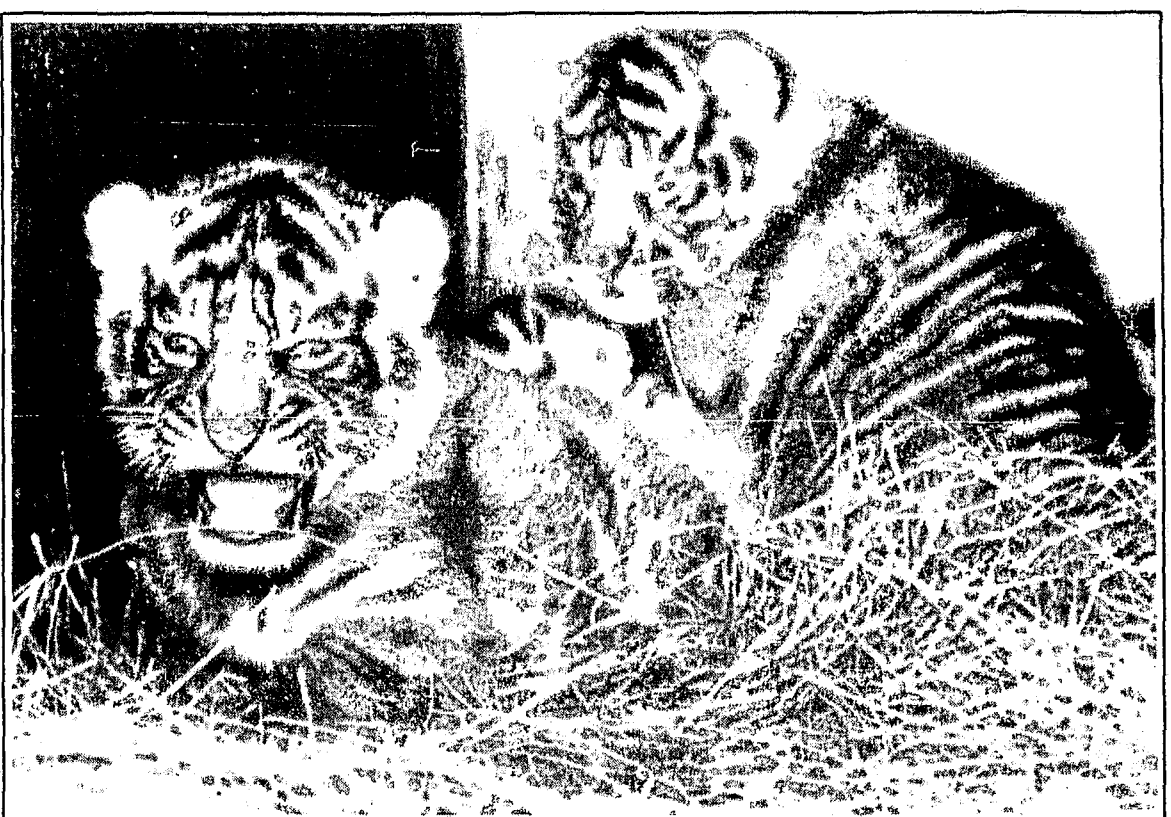
Além de "Brasil com S" e o tema do programa "TV Mulher" ("Cor-de-rosa choque"), o lado dois traz uma música de temática triste, que só entrou nesse disco por insistência de João Gilberto — ele convenceu Rita a "mostrar esse outro lado da roqueira". Trata-se da canção "O circo" que, para a autora tem "um plique bem felizinho, cantando a

paixão de um palhaço por uma bailarina, que namorava um trapezista".

"Pirata cigano" completa o lado B. Composta também para o disco anterior, só não foi incluída naquele trabalho porque, segundo Rita, "essa música tem um lado latino muito acentuado" que não caíria bem no clima do "Saúde".

— A saletosidade desse meu novo disco, uma coisa que está muito presente no trabalho do Roberto, é uma coisa que me agrada muito, mas que eu não conseguia desenvolver, antes de conhecê-lo. Minha carreira pode ser dividida assim: antes de Roberto e depois dele. Há uma contribuição vital dele no meu lance. Ele é minha cara-metade em música. Eu bico em todos os instrumentos, mas não toco bem nenhum deles. Roberto é o contrário. Os que ele toca, toco bem, valendo-se inclusive da sua formação clássica. A gente ficou uma dupla dinâmica. Nosso trabalho é dos dois. Não tem esse negócio de dizer que eu faço mais que ele e vice-versa.

Cinco filhotes de tigres, nova atração do Zôo paulista



Dois dos três filhotes de tigres de Sumatra, nascidos há um mês e só ontem apresentados à imprensa

SÃO PAULO (O GLOBO) — O Zoológico de São Paulo tem cinco novos habitantes: dois tigreziños siberianos e três filhotes de tigres de Sumatra. O anúncio só foi feito ontem pelo diretor do Zôo, professor Adayr Saliba, porque as duas tigras são mães pela primeira vez e, para não assustá-las ou provocar reação violenta e mesmo a morte dos filhotes, ficou proibida a circulação perto dos recintos dos tigres.

Os filhotes dos tigres siberianos nasceram em 29 de agosto e acabam de ser separados da mãe e colocados na "creche" da instituição, sob os cuidados de d. Clara, que tranqüilamente entra na jaula e os segura pelo cangote para as fotografias. Esse nascimento é considerado muito importante para o Zôo, pois o tigre siberiano é o maior dos felinos, atingindo até 280 quilos de peso, o comprimento de 2,80m e um período de vida de 20 anos. Segundo os tratadores, é um animal sensível. Um outro casal dessa espécie, que foi importado há alguns anos pelo Zôo, morreu



Tranqüilo, este filhote de tigre siberiano está agora na "creche" do Zoológico de São Paulo

sem deixar descendência. O casal de tigres siberianos chegou a São Paulo em janeiro deste ano, procedente de Nápoles, Itália, onde foi criado. Cada animal tem quatro anos de idade.

Os tigres siberianos têm uma cor mais clara do que a do tigre de Bengala e seu pelo é mais longo e mais espesso. Sua gestação é de cem a 108 dias. O macho só se encontra com a fêmea na época do acasalamento.

Os três tigrinhos (um macho e duas fêmeas) de Sumatra nasceram no dia 16 de outubro e passam o tempo todo com a mãe, dentro da "gruta" de concreto do chamado setor extra, ao qual o público não tem acesso. Esses ritigres têm cores mais carregadas e lembram bastante a espécie mais conhecida, a de Bengala, a única que até agora tinha cruzado no Zôo de São Paulo. O casal de tigres de Bengala acaba de ser colocado no mesmo recinto, para nova tentativa de acasalamento.

O tigre de Sumatra é a menor de todas as subespécies de tigre e pode ser encontrado na Indonésia, em Sumatra e alguns outros países da Ásia. Vive na mata e, contrariando a natureza dos felinos, gosta muito de água e nada muito bem. Sua dieta inclui peixes, jacarés e também fruta-pão.

No Seis e Meia do João Caetano, uma feira de novos talentos

Já a partir deste mês, a consagrada série de shows Seis e Meia do teatro João Caetano estará um pouquinho diferente atrás dela, agora, há o patrocínio da Petrobrás, um apoio que permanecerá por todo o ano de 1983 e trará ainda mais novidades. Além da programação habitual da série, haverá, em janeiro, uma verdadeira feira de novos talentos, a "Mostra Seis e Meia/Lubrax". Nela serão escolhidos dez artistas estreantes, entre compositores, cantores e instrumentistas, para participação futura na série e gravação de discos para o selo Funarj — que promove os shows e a mostra.

Os compositores devem apresentar uma obra de sua autoria, em fita cassete, acompanhada de dez cópias da letra e um termo de responsabilidade; cantores e instrumentistas devem inscrever-se mediante apresentação de uma peça de qualquer autor, devidamente identificada, acompanhada também de dez cópias de letra, no caso dos



Tunaí e Sandra Sá, com a banda Black Rio

no dia 19, será a vez dos seis cantores e seis instrumentistas. Os escolhidos nestas mostras seis compositores, três em cada tarde, dois cantores e dois instrumentistas — participarão futuramente da série "Seis e Meia" e gravarão para o selo Funarj. O edital da "Mostra" esclarece como se dará essa participação: "Os representantes da categoria de compositores terão suas músicas lançadas oficialmente em espetáculos da série; os representantes da categoria de cantores participarão profissionalmente da série, em espetáculos que serão montados para atendê-los; os representantes da categoria de instrumentistas também tomarão parte da série "Seis e Meia Lubrax".

Todos os dez selecionados receberão prêmios iguais de Cr\$ 300 mil e participarão de um elepê conjunto, editado pelos promotores da mostra. Um grande show, reunindo todos os escolhidos, encerrará a "Mostra" no, dia 21 de janeiro, às 18h30m.

A RENASCENÇA

Uma tradição em móveis de estilo

Venha conhecer nesta mansão, a maior variedade em móveis personalizados do mais fino acabamento.

Rua do Catete, 194-196

Estacionamento para clientes

Móveis de Superiore Qualit • Uma Furniture • 20 C.R.V.A. • Qualitats Möbel

NOVO TEL.: 265-5444